

A medicalização da educação em debate

Apresentamos o dossier **Medicalização da educação ontem e hoje: entre continuidade e rupturas**, publicado no Volume 43, número 1, 2025 da revista Perspectiva. Se é fato que o fenômeno da medicalização da vida não é novo, também o debate crítico sobre sua incidência na vida social já soma algumas décadas. Atribuído originalmente tanto a Michel Foucault quanto a Ivan Illich, classicamente o termo remete à captura das experiências complexas da vida e tradução de forma simplista em termos biológicos ou médicos, em geral patologizantes e reducionistas.

Presente no meio acadêmico ao menos desde a década de 1970, pode-se considerar que o debate sobre medicalização da educação no Brasil ganhou ímpulso a partir de 2010. Não parece ocasional que o aumento de publicações sobre o tema nas bases de dados acadêmicas ocorra a partir de tal ano, considerando que ele marca dois grandes acontecimentos interligados: a primeira organização de uma série de eventos internacionais em território brasileiro sobre o tema e a fundação do Fórum sobre medicalização da educação e da sociedade, justamente no encerramento do I Seminário, em São Paulo, em 2010. Daí que suas histórias se misturam, não sendo incomum que as pessoas confundam o Fórum com o Seminário.

O Fórum é maior que os Seminários Internacionais. Trata-se de um movimento social de dimensão nacional, que articula diversas universidades

(incluindo pessoas docentes, estudantes de graduação e pós-graduação e técnicas-administrativas), profissionais de diversas áreas de atuação situados nos chãos dos mais variados serviços, além de artistas e demais pessoas da sociedade civil interessadas não apenas em debater o tema, mas agir na realidade.

Como espaços de atuação, o Fórum intervém diretamente no cenário político, enfrentando projetos de lei de caráter medicalizante e impulsionando projetos de lei que enfrentem tal realidade. Merece destaque a aprovação de dias municipais e estaduais de luta contra a medicalização da educação e da sociedade, como em São Paulo, Santos, Salvador e no estado da Bahia, só para citar alguns (Viégas, 2021).

O Fórum também historicamente ocupa os espaços públicos das cidades, como as praças, parques, cinemas, teatros e praias, levando o debate para as famílias que os frequentam, bem como promovendo brincadeiras com as crianças e adolescentes interessados. Esse é sempre momento de muita intensidade, pois histórias atravessadas pela medicalização são partilhadas e muitas trocas e parcerias se iniciam.

Por fim, mas não menos importante, o Fórum articula Grupos de Pesquisa nacionais e internacionais, tecendo uma produção de conhecimento que se coletiviza e contribui para uma maior articulação entre pessoas pesquisadoras da temática.

Tal articulação deu força à produção de pesquisa e difusão de conhecimento sobre tal campo, visível na ampliação de publicações sobre o tema. Merece destaque a publicação de ao menos cinco dossiês tendo a temática da medicalização como foco (Entreideias, 2014; Nuances, 2014; Teias, 2016; Práxis Educacional, 2019; e Educação em análise, 2024). Também é dessa articulação do Fórum que resulta a publicação de livros organizados coletivamente: *Medicalização de Crianças e Adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos* (Conselho Regional de Psicologia, Grupo Interinstitucional Queixa Escolar, 2010); *Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos* (Collares, Moysés e Ribeiro, 2013); *Medicalização da educação e da sociedade: ciência ou mito?* (Viégas, Ribeiro, Oliveira e Teles,

2014); Sociedade e medicalização (Barros e Masini, 2015); Desver o mundo, perturbar os sentidos: caminhos na luta pela desmedicalização da vida (Oliveira, Viégas e Messeder Neto, 2021); Existirmos, a que será que se destina?: medicalização da vida e formas de resistência (Viégas, Oliveira e Messeder Neto, 2023); Educação, pobreza e desigualdade social: escritos de subversão (Messeder Neto, Viégas e Oliveira, 2025).

E agora, neste ano em que o Fórum sobre Medicalização completa 15 anos, lançamos este Dossiê, buscando se somar ao conjunto de publicações sobre o tema, bem como trazer contribuições ao debate, colocando no centro as questões em torno da relação entre medicalização e racismo, em perspectiva interseccional, analisando a medicalização no campo do autismo e da neurodivergência e a construção de práticas que tentam caminhar na contramão da medicalização da vida.

Organizado por três professoras lotadas em centros de formação de professores de duas universidades federais brasileiras, Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal de Santa Catarina, o conjunto busca discutir as continuidades e rupturas em relação aos processos de medicalização da educação, trazendo para o debate ensaios e pesquisas realizadas por profissionais da Antropologia, Ciências Sociais, Educação, Fonoaudiologia e Psicologia, distribuídos em seis estados (Bahia, Goiás, Pará, Paraná, Santa Catarina e São Paulo) de todas as regiões do Brasil (Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul), aos quais se somam pesquisadores do Chile e da França.

O artigo intitulado **“Que letra é essa?”: racismo, fracasso escolar e medicalização na história de Patrick**, de autoria de Lygia de Sousa Viégas (UFBA), Simone Vieira de Souza (UFSC) e Diana Carvalho de Carvalho (UFSC), tece articulações entre racismo, fracasso escolar, medicalização e pobreza, a partir da análise do documentário “Que letra é essa?”, o qual traz diversos olhares para a história escolar de um garoto, que, aos nove anos de idade, repetia pela terceira vez a primeira série do ensino fundamental. Bastante adotado como material pedagógico, a análise detida do documentário pretende contribuir com as reflexões de estudantes de graduação de diversos campos que têm sido provocados a pensar a partir dos desafios que a história de Patrick anuncia.

O artigo **Racismo estrutural pedagógico na educação superior indígena reflexões a partir de duas universidades**, de Rui Massato Harayama (UFOPA) e Luciano Cardenes Santos (UFG), põe no centro, a partir de análise quanti-qualitativa, o tensionamento entre o modelo de educação indígena e o não-indígena na formação de estudantes indígenas. A partir da triangulação de microdados do Censo do Ensino Superior de 2024 (INEP) com uma análise qualitativa de duas universidades federais (UFG e UFOPA), o artigo aponta que o discurso do fracasso escolar e da medicalização foram incorporados para justificar a manutenção do racismo estrutural pedagógico no ensino superior.

O artigo **Por uma perspectiva crítica e interseccional na escuta dos sofrimentos em termos neoliberais: experiências discentes no ensino superior francês**, de Thaís Seltzer Goldstein (UFBA), Jean Leterrier (ICN Business School) e Estève Rochas (Université Sorbonne Paris Nord), traz à público a primeira etapa de uma pesquisa realizada na França entre 2023 e 2024, a fim de compreender as experiências e desafios de estudantes universitários/as na vivência acadêmica em tempos de neoliberalismo. Análise de 211 respostas a questionários on-line indica que os processos de medicalização atingem de forma mais determinante pessoas atravessadas por marcadores de opressão, tais como raça, gênero, condição socioeconômica e diferenças funcionais.

No artigo **A construção do campo do autismo: história e atualidade de um diagnóstico**, de Leticia Vier Machado (UEM) e Adriana Marcondes Machado (USP), há uma revisita à história do autismo, objetivando movimentar a naturalização de sua narrativa canônica, pela análise de sua transformação de um diagnóstico relativamente raro construído na psiquiatria infantil em uma questão de saúde pública. Nessa empreitada, põe em debate o constante movimento de “ondas científicas”, desvelando o caráter político de tal produção.

O artigo **El TDAH como arreglo entre la medicalizacion y la neurodiversidad**, de autoria de Hugo Sir (Universidad de Playa Ancha), propõe uma análise distinta da usual sobre o tema, ao realizar um estudo etnográfico com pessoas adultas diagnosticadas com TDAH no Chile, não para colocar seus

diagnósticos em questão, mas para conhecer de forma próxima como esses diagnósticos impactam a vida cotidiana das seis pessoas acompanhadas na pesquisa, tecendo reflexões sobre a ideia de neurodiversidade e medicalização.

Por fim, na contramão das tendências e práticas medicalizantes, o Dossiê termina com dois artigos que apostam na desmedicalização da educação. O artigo **Constituição de uma equipe multiprofissional como possibilidade de atuação crítica em Psicologia Escolar**, de Maria Alice de Carvalho Echevarrieta (UFSC) e Denise Cord (UFSC), apresenta uma cartografia do processo de constituição de uma equipe multiprofissional, atuante em uma rede municipal de educação no Estado de SC, por meio da qual se desvela que tal construção é contínua e de caráter instituinte.

O artigo **Produção de vida coletiva na universidade movimentos formativos contrahegemônicos construídos pelo Coletivo de Mulheres Le Marx, grupo de estudos Ângela Davis**, de Tito Loiola Carvalhal (UFBA), Maria Izabel Souza Ribeiro (UFBA) e Elaine Cristina de Oliveira (UFBA), apresenta recorte de uma pesquisa de Mestrado que buscou conhecer os movimentos formativos contra-hegemônicos construídos na Faculdade de Educação da UFBA por um coletivo composto, sobretudo, por mulheres negras cisgêneras da classe trabalhadora, dando destaque às rachaduras criadas na lógica medicalizante.

Em comum, o conjunto de artigos aposta que o debate crítico sobre a medicalização da educação contém, em seu bojo, o anúncio de perspectivas desmedicalizantes e potencializadoras da vida.

Ademais, soma-se ao Dossiê a publicação da **Entrevista de Maria Helena Souza Patto cedida a Lygia de Sousa Viégas: A atuação de profissionais da psicologia no atendimento à queixa escolar**, realizada em 1997, cujo tema central é a chamada queixa escolar, em franco diálogo com os processos de medicalização e psicologização da educação. No marco dos 60 anos da Psicologia como profissão no país, os ensinamentos dessa Professora aposentada pela USP, que é consagrada uma das principais referências da Psicologia Escolar e Educacional brasileira, ainda seguem atuais. A extensa produção de Maria Helena Souza Patto encontra-se disponível no site [Apresentação - Ambiente Virtual Maria](#)

Helena Souza Patto.

No ano que marca os 15 anos de articulação política e acadêmica em torno do tema, esperamos, com os artigos e entrevista aqui reunidos, contribuir para as reflexões críticas sobre a (des)medicalização da educação, dando novo fôlego e impulso para o debate, tão necessário de ser aprofundado em tempos de expansão da medicalização da vida.

Organizadoras

Simone Vieira de Souza
(UFSC)

Lygia de Sousa Viégas
(UFBA)

Diana Carvalho de Carvalho
(UFSC)

Referências

Barros, Renata Chrystina Bianchi; Masini, Lucia. **Sociedade e medicalização:** Campinas: Pontes, 2015.

Collares, Cecília A. Lima; Moysés Maria Aparecida Affonso; e Ribeiro, Monica Cintrão França Ribeiro. **Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos.** São Paulo: Mercado de Letras, 2013.

Conselho Regional de Psicologia, Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (Orgs.). **Medicalização de Crianças e Adolescentes:** conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

Messeder Neto, Helio da Silva; Viégas, Lygia de Sousa; Oliveira, Elaine Cristina de. **Educação, pobreza e desigualdade social:** escritos de subversão. Salvador: Casa do Psicólogo, 2025.

NUANCES. estudos sobre Educação. Dossiê: Medicalização da Educação. v. 25, n. 1 (2014).

Oliveira, Elaine Cristina de; Viégas; Lygia de Sousa; Messeder Neto, Helio da Silva. **Desver o mundo, perturbar os sentidos:** caminhos na luta pela desmedicalização da vida. Salvador: EDUFBA, 2021.

Revista Entreideais: educação, cultura e sociedade. Dossiê: a medicalização da vida escolar: enfoque multidisciplinar. v. 3, n. 1 (2014).

Revista Práxis Educacional. Dossiê Temático. v. 15, n. 36 (2019).

Revista Teias. Dossiê Drogas, Medicalização e Educação. v. 17, n. 45 (2016).

Viégas, Lygia de Sousa; Ribeiro, Maria Izabel Souza; Oliveira, Elaine Cristina de; Teles, Liliane Alves da Luz. **Medicalização da educação e da sociedade: ciência ou mito?** Salvador: EDUFBA, 2014.

Viégas, Lygia de Sousa; Oliveira, Elaine Cristina de; Messeder Neto, Helio da Silva; **Existirmos, a que será que se destina?:** medicalização da vida e formas de resistência. Salvador: EDUFBA, 2023.



<http://www.perspectiva.ufsc.br>